

Três textos transvinhados
ensaios para uma poética contrassexual macumbeira ¹

Rafael Haddock-Lobo ²

Professor do Departamento de Filosofia da UFRJ e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ e da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (FIOCRUZ/UERJ/UFF/UFRJ)

Estes três textos transvinhados ou béachas são, como diria Monique Wittig, “brincadeiras ontológicas”, as quais levo muito a sério, como ontólogo que sou. São algo como uma gongada filosófica, poderosa estratégia das epistemologias vinhadas, que deixa o oponente, aqui a metafísica clássica ou acadêmica, bege ou *gagged*. *Blessed be* Ru Paul: que *chantay* toda a espécie de ironia *bixa* e que *sashay away* toda cafonice enrustida de rigor e mumificada em seus papiros.

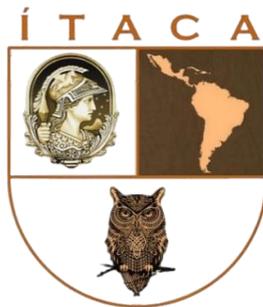
Como *Reading is what? Fundamental!* Vamos ao que é, aqui, fundamental: é preciso gongar a escrita acadêmica – não por puro gozo (isso também, claro!), mas certamente pois há um contrarrigor que precisa operar radicalmente (*you better werk, bitch!*) para que a vida filosófica mais alegre e trans-potente (uma *gay Science*) se afirme como *trans*-cendentalidade frente ao cis-logismo.

Pontualmente, afirmo: sem a contrassexualidade, nunca teria conseguido pensar as filosofias populares em sua materialidade. Nesse sentido, esses três textos transvinhados são um reconhecimento da importância de Paul B. Preciado para o que, hoje, faço.

E um último débito que preciso aqui pagar é a máxima de Marcelo Derzi Moraes: “é preciso falar do que as pessoas não querem ouvir” – botar nossas mãos na própria merda, sem fetiches ou romantismos e, hoje, em um tempo em que a macumba está na moda, e em que até exu é transformado em anjo da guarda, vamos lembrar aqui de toda macumba suja, de pais de santo marmoteiros, de filhos de santo ekezeiros, de ogãs que se deixam mamar pelos viados nos

¹ Esse texto é composto de três ensaios, ou três dildo-textos em forma de uma poética contrassexual, e é uma homenagem a Derrida, Foucault e Preciado. ele é dedicado a Adriano Negriz, Carla Rocha e Marcelo Moraes.

² Endereço eletrônico: rafael@ifcs.ufrj.br



fundos dos barracões e de toda putaria que existe e que acontece, sim, em muito lugar por esse mundo.

1. Um beijo pras travesti

- Eduardo era um traveção que conheci desde minha juventude...

(A sala em silêncio: alguém balbucia baixinho: “Professor, é *A travesti*”).

O professor prossegue a aula, não tendo ouvido ou não dado bola pro *alune* que o corrigira.

Crescemos juntos eu e ele...

(- “é *ela* professor.”..)

... um dia gritei na esquina onde eu ficava, e ele (-“*ela*”...) voltando do trabalho lá na PJ *Prado Júnior, Avenida em Copacabana onde as travestis fazem ponto*:

Fala, Eduardo!!!!

Ele (-“*ela*”...) respondeu: para Zé, sou Roxannah.

Porra, viado, tu operou?

Operar? Deus me livre. Como vou arrancar meu ganha pão?!

No dia seguinte, estava eu na esquina, sentado com meu povo, e Roxannah chegando uma vez mais do trabalho na PJ provocou a galera toda: seus vinhaaaaaaaadu, tudo juntinho sempre nessa esquina, vão trabalhar!

- Vai se fuder, Eduardo.

É Roxannah, porram, com h no final.

Vai se fuder, Roxannah.

E seguia Roxannah com h no final rindo dos meninos na esquina.

Todo dia se encontravam, se sacaneavam e todos riam. Até que um belo dia Roxannah chegou toda estrupiada, olho roxo, roupa rasgada, boca sangrando e com cara de que tinha alguns dentes a menos.

- Porra, Roxannah, que que houve?

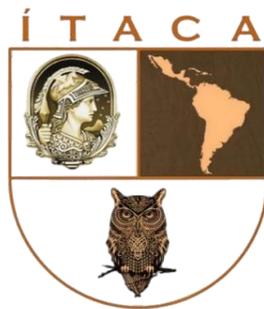
- Tava lá na PJ e um filho da puta me esculachou.

Zé botou a camisa no ombro, e lá foram eles (e ninguém saberá qual deles era Zé): Brasa, Me pica, Cu de Óleo e Cromado levantaram e correram pro 457 *uma

169

Rio de Janeiro

ISSN 1679-6799



das linhas de ônibus que liga a zona norte à zona sul do Rio de Janeiro*.

E lá se foram eles, eles e ela, elXs, elus, todes ou o que quer que fossem aquele grupo formado pelos garotos do subúrbio e pela travesti.

Chegaram em Copa e Roxannah apontou de longe: - foi aquele ali.

O esculachador foi esculachado e a noite acabou com Roxannah pagando a cerveja pra todo o bonde na beira da praia.

Que mundo era esse, o da década de 90. Não tinha linguagem neutra ainda, não tinha ainda o gênero correto para se tratar com a delicadeza necessária A travesti. Mas já se tinha fechamento.

O engraçado nisso tudo é que aquele rapaz que silenciosamente repreendia o professor e que achava que a maior justiça que se poderia fazer com Eduardo era tratá-la de acordo com o artigo correto, nunca estaria disposto a arriscar seu próprio corpo para defender o corpo de Roxannah...

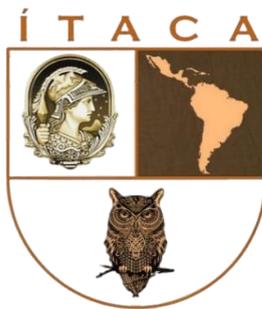
Dessas incoerências que só a academia produz, enquanto ainda somos o país que mais mata travestis e transexuais no mundo.

2. Fucô pombagirô

Michel Foucault acabava de chegar no Brasil pela segunda vez e não aguentava mais saber que o que lhe esperava era apenas aquela rotina careta de universidades e garçonières, onde os alunos mais bonitos e inteligentes das universidades o esperavam para receber a corte.

Um dia, depois de uma conferência no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no Largo de São Francisco de Paula, Foucault conhece um rapaz que o leva, com seu grupo, para a Praça Tiradentes. Foucault se impressiona ao sentar no beco das putas e, fazendo amizade com as moças, termina sua noite indo para um puteiro na Glória.

E não é que a bicha pela primeira vez pareceu se divertir por aqui! Os



viadinhos todos se montando e ela lá, doida pra festa. Tacam uma base bem branca nela, batom, cílios postiços, uma peruca gigante cor-de-rosa, ensinam a aquendar a neca com a fita e a boneca pós-estruturalista vai brincar de ser puta lá na rua da Glória, em frente à antiga Manchete!

Depois de três ou quatro programas e muito pó, a bicha volta pro puteiro e Shirley, sua mais nova amiga, vê que Fucô estava bastante esquisito, requebrando demais os quadris, ondulando os ombros, gargalhando com as mãos na cintura, e raposa velha na macumba que era, levou ele para um quartinho nos fundos, onde a luz vermelha funcionava nesse caso para iluminar um pequeno assentamento de pombagira.

Quando chegaram lá, Shirley amarrou um pano branco no corpo da Fucô, acendeu um toco de vela que devia ter se apagado há dias, porque ainda se via as marcas da cera escorrendo pelo pires de café até o chão, e começou a cantar.

Arreda homem que aí vem mulher

Arreda homem que aí vem mulher

Ela é a pombagira Rainha do Cabaré

Sete saias vem na frente pra dizer quem ela é

Ela é a pombagira Rainha do Cabaré

E Fucô requebrava, se debatia nas paredes, e Shirley, impassiva, de olhos fechados e batendo palmas, louvava como num transe.

É uma casa de pombo

É de pombogira

É uma casa de pombo

É de pombogira

Auê auê, auê auá

Quero ver pombogira

Auê auê, auê auá

Quero ver pombogira

Nesse momento, quando os olhos de Foucault se esvaziavam e um olhar entre o



doce e o perverso brilham em suas pupilas, a Rainha cai de joelhos, pega uma taça empoeirada que estava ao lado do assentamento, limpa com o pano da costa amarrado em seu corpo, e aponta a Shirley, que enche a taça que um dia já foi vermelha com o Contini que ficava abaixo do pequeno altar.

- Minha Rainha, há quanto tempo a senhora não vem na sua casa, diz a puta cambona.

A Rainha, levemente incomodada por não conseguir falar naquele cavalo branco de língua esquisita, apenas sorria e assentia com a cabeça.

Shirley estava radiante pois, desde a morte da antiga cafetinha, que trabalhava com esta moça, não tinha mais abraçado a pombagira que a acolheu quando, ainda criança, foi posta na rua pelos pais, que não queriam filho viado em casa.

Abre uma cortinha de renda vermelha que ficava no canto do quartinho, de onde se deixa ver uma cadeira bonita e fala: - minha Rainha, senta no teu trono.

E lá vai, caminhando leve e lindamente como nunca antes o corpo do francês, que se senta no trono, como se de lá nunca mais fosse sair.

Os pés brancos e descalços, muito bem cuidados, acima dos tornozelos a saia que usara antes, a peruca rosada gigantesca, o rosto de felicidade com o batom borrado depois de muito boquete, a taça na mão e a última gargalhada antes de ir e deixar o corpo do filósofo adormecido até o dia seguinte.

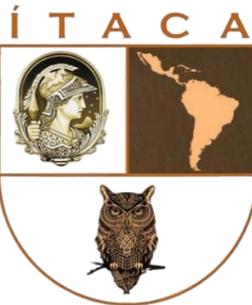
Quando acorda, muito tonto ainda, de bêbado e de macumba, com o cu dolorido de tanto *fisting*, mas se sentindo diferente, Fucô se senta com Shirley e as meninas e tomam um café preto coado na hora, com um bom pão francês quentinho com manteiga.

Shirley fala, fala, como se ele entendesse algo do que ela dizia. Fala da importância daquela noite para aquela casa e pra quem trabalha lá, fala de como isso mudaria a vida dele também... E ele, tonto, arregaçado e feliz, apenas sorria.

Mas sabia que algo ali tinha mudado sua vida.

E, cá entre nós, que São Francisco que nada, a *História da Sexualidade* nasce é na Glória, com muita macumba e *fist fucking*, no dia em que Fucô pombagirô.

Como já disse em outros lugares, *ai se sesse...*



3. Brota a xota

Crau era um menino de Vaz Lobo, de um núcleo familiar que se dizia espírita – que é como certa classe média prefere se dizer pra não ser chamada de macumbeira.

Era a típica criança viada. Nunca jogava bola com os meninos, odiava ficar descalço e sem camisa, e preferia brincar sempre com as meninas. Queria demais ter uma Suzi, mas sabia que Dona Gilda e Seu Agnaldo, seus pais, nunca concordariam com tamanho despautério.

Um belo dia, Crau teve seu plano infalível: deu seu primeiro *ekê*: começou a rodopiar no meio da sala, segurar uma saia imaginária, chupar o dedo e dar um gracioso e singelo sorriso de canto de boca e disse: *bá nôti, sô Rosinha do Jardim*.

Gilda e Agnaldo ficaram, ao mesmo tempo, tensos com a situação, mas não podiam fazer nenhuma desfeita à entidade, à qual ofereceram guaraná e bolo que Dona Gilda tinha acabado de bater.

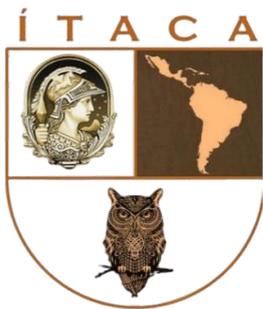
O pai, correndo, foi à quitanda comprar cocada e pé de moleque – disse a menina que adorava um pé de moleque! Com o pai na rua, a menina pôs-se a falar, a dar consulta pra mãe, mandar fazer vários trabalhos pra adoçar o pai, porque ela, a menina, queria seu vestido azul claro com flores cor-de-rosa e barra de renda!

A mãe, preocupada, correu e pegou o nome do marido, o mel e a vela que tinha e botou a menina pra rezar. Resultado: toda semana a menina vinha, com vestido, laço de fita (pois sim: Crau deixou o cabelo crescer com a permissão dos pais e a pedido da menina), boneca, bicho de pelúcia e o escambau.

O pai, que no fundo sempre quis ter uma filha menina, secretamente se contentava com a vinda da menina e estava sempre preparado pra quando ela baixasse: tudo que ela gostava sempre à mão, seu copinho: seu pratinho, uma chupeta.

E assim Crau foi crescendo.

Na adolescência, uma vez ouviu uma vizinha, a quem chamava de Tia Carla,



usar uma das gírias que mais lhe marcaria: ao invés de dizer “aparece lá em casa”, “dá o dom de sua graça”, “pinta lá na rua”, ela dizia: “brota a xota!”. Crau morreu de rir quando ouviu e, uma vez mais, começou a pensar em seu próximo *ekê*, já que não lhe agradava mais os mimos que recebia fingindo ser e, uma vez mais, começou a pensar em seu próximo *ekê*, já que não lhe agradava mais os mimos que recebia fingindo ser *Rosinha*.

De olho já nos meninos da vizinhança, que sempre faziam ele de gato e sapato, coisas que hoje chamamos de *bullying*, começou a fingir que passava mal – sempre que estava entre os meninos suados depois do jogo de bola – e que, agora, era Dona Rosa Púrpura do Cabaré, uma moça nova, sensual, “morena” (que sempre foi o modo racista de os brancos elogiarem as negras) e que falava as verdades para todos os meninos da rua.

Com o tempo, Dona Rosa já tinha dia certo pra vir e os meninos todos já a esperavam com sua garrafa de Campari e, todos bêbados, acabavam se atracando no terreno baldio ao lado da casa de Crau, atrás do quintal de Dona Carla ou mesmo em cima das tumbas do cemitério de Irajá (um dos locais preferidos de Dona Rosa).

E lá seguia Crau, 69, de ladinho, frango assado ou, como se dizia no asfalto na época diante de tudo que era proibidão: *se tem amor a Jesus Cristo!* E, a cada “sessão” de encontros, Dona Rosa se despedia dizendo que ia brotar a xota na semana seguinte! E lá vinha ela, claro, sempre pontualmente.

Todos foram crescendo e, com a morte dos pais, Crau transforma sua casa no Cabaré de Dona Rosa Púrpura que, sempre vestida de roxo, com os cabelos arrumadíssimos e caras *lingeries*, atendia um a um dos consulentes que aguardavam na fila que dobrava a esquina. Sua casa lotava e sua fama se estendia da Praça Seca a Irajá!

Na verdade, ele, quer dizer, ela atendia mais gentil e demoradamente os *perna de calça* do que as *rabo de saia* que esperavam. As mulheres, ela atendia rapidamente e a consulta era sempre a mesma: fazer um padê com seus pedidos e entregar com um toco aceso e um marafo pra exu do lodo na encruzilhada do trem, e as despachava correndo. A maioria, se voltava uma vez, não voltava a segunda.



Com os perna de calça, no entanto, ela mandava entrar na sua tenda, com seu Campari com Vodca na sua taça de caveira e os mandava beberem de um só gole. Na mesa, sempre um pouco de pó branco que não era efun, aos interessados, e, embaixo da mesa, alguns comprimidos de Zolpidem que, com muita fumaça de cigarrilha e *manga rosa* na cara dos moços, ela sorratamente triturava e misturava na bebida que os oferecia.

O interessante é que, o extremo cuidado que Dona Rosa tinha com os consulentes do sexo masculino, deixava-a sempre preocupada com o tamanho do carregue que acompanhava eles todos, sempre muito pesados, com perigosos obsessores e que precisavam de longos sacudimentos. Eles, sem roupa, ela, passando vagarosamente em seus corpos frutas e mel, ou baba de quiabo, ou qualquer outra coisa que pudesse servir de lubrificante.

O mais engraçado é que, bem mais leves, os moços todos saiam sorridentes e com algumas cédulas a mais em seus bolsos.

Numa terça feira de Carnaval, devia ser 1998, em um sonho São Mulambo apareceu e dizia a Crau que já era chegada a hora de ele começar a trabalhar. Mesmo tendo acordado aterrorizado, Crau fez pouco caso do sonho e começou a fazer a enfeitar o Cabaré e preparar a festa de Dona Rosa, pois a festa de Carnaval era sempre a mais intensa e Zezinho, que virou seu cambono principal, já tinha trazido toda espécie de pó, fumo e bebida que a moça precisaria.

Quando badalou a Ave-Maria, Crau começou a tremer, a vomitar, a rasgar as roupas caras de Dona Rosa, ainda não propriamente vestidas em seu corpo, e ficou só de calçolão, com o peito à mostra, pegou uma garrafa de cachaça (aquele bujãozinho que só se usa em despacho), gargalhou, caiu de joelhos e mandou todos os “clientes” de Dona Rosa pra longe.

Naquela noite, Sêu Mulambo atendeu pacientemente todas as moças, com o mesmo carinho e empenho com que a Pombogira atendia seus meninos.

Nove meses depois, o disse-me-disse foi que a maternidade Herculano Pinheiro estava lotada de parturientes com guias de exu em seus pescoços.

E nunca mais se ouviu falar de Crau nem de Dona Rosa Púrpura do Cabaré, que, na quarta-feira de cinzas de 1998, pôs a casa à venda e se mandou pra

Saquarema.

Dizem que lá nas terras de Serguei, uma tal de Claudette, mulher trans pós-op, tem uma tenda de Caboclos, onde, toda quinta-feira, a Cabocla Caçadora brota a xota.

A conferir...

Bibliografia

De Lauretis, Teresa. “A Tecnologia do gênero”, in: Hollanda, Heloísa Buarque. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Derrida, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Belo Horizonte: Chão da feira, 2016

Despentes, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1, 2016.

Foucault, Michel. “Le gay savoir”. In: *Revista Ecopolítica*, no. 11 (Janeiro/abril de 2015). PUCSP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23545>

Moraes, Marcelo José Derzi. “Becos, ruas, marquises e esquinas”. In: Borges-Rosário, Fabio.; Moraes, Marcelo José Derzi.; Haddock-Lobo, Rafael. *Encruzilhadas filosóficas*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.

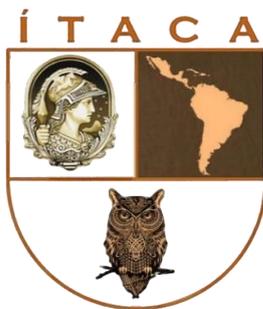
Preciado, Paul B. Entrevista com Jesús Carrillo, in: *Revista Poiésis*, n. 15, 2010. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/sumarios/sumario15.php?ed=15&title=ARTE%20E%20OG%CANERO>

Preciado, Paul B. *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*, São Paulo: n-1 edições, 2014.

Preciado, Paul B. “Multidões queer: notas para uma política dos anormais”. In: *Revista Estudos feministas*, vol. 19, no. 1. Florianópolis. Jan/Apr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdww/>

Preciado, Paul B. “Terror anal”, Posfácio à tradução para o espanhol do livro *El deseo homosexual*, de Guy Hocquenghem (Buenos Aires: Melusina, 2009).

Simas, Luiz Antonio; Rufino, Luiz; Haddock-lobo, Rafael. *Arruaças*.



Uma filosofia popular Brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Wittig, Monique. *Le corps lesbien.* Paris: Minuit, 1976.

Wittig, Monique. *The straight mind and other essays.* Boston: Beacon Press, 1992.